

VIVALDO COARACY, MEMORIALISTA E HOMEM DE IMPRENSA

Ernani Silva Bruno

O jornalista e escritor, Vivaldo Coaracy, nascido no Rio de Janeiro a 25 de novembro de 1882 ligou-se a São Paulo por sua atuação como engenheiro chefe de empresas de eletricidade no interior do Estado, sua atividade em jornais paulistanos e sua participação no movimento constitucionalista de 1932.

Com perdão pelo velho clichê, pode-se dizer que ele carregava no sangue a vocação de homem de imprensa. Sua mãe — a norte-americana Corina Lawe de Vivaldi — fora uma das mulheres pioneiras no jornalismo brasileiro, enfrentando as imagináveis prevenções e preconceitos da época. Também jornalista fora o pai, Visconti Coaracy, de quem, “por direito de herança” — como escreveu — adotou um de seus pseudônimos, V. Cy.

Sua carreira de jornalista, iniciada nos primeiros anos do século em sua cidade natal — em um jornal dirigido nada menos que por José do Patrocínio — prosseguiria nas décadas seguintes na imprensa de Porto Alegre e seria retomada (depois de alguns anos de afastamento) quando ingressou em 1926 na redação de “O Estado de São Paulo”, além de figurar mais tarde entre os cronistas da “Folha da Manhã”.

A partir de 1945, quando se abrigou em definitivo na Ilha de Paquetá, teve por certo maior disponibilidade de tempo para elaborar seus admiráveis ensaios históricos, **O Rio de Janeiro no século XVII, Memória da Cidade do Rio de Janeiro e Paquetá — imagens de ontem e de hoje**. Seus méritos, no gênero, podem ser sintetizados na frase que sobre ele escreveu Raquel de Queiroz: “Não são muito abundantes, no panorama intelectual brasileiro, os homens da categoria de Vivaldo Coaracy, que juntam às graças do talento espontâneo as riquezas eruditas do **scholar**”.

Em sua mocidade havia tentado a literatura de ficção, publicando dois romances que tiveram escassa notoriedade, **A Rampa e Frida Meyer**, este último destacando-se no entanto por ter abordado pela primeira vez na ficção a presença germânica no Rio Grande do Sul.

Mas, a despeito do irrecusável valor de seus estudos históricos, eu me atreveria a dizer que as modalidades literárias em que sobressaiu com maior relevo foram a crônica (**Zacarias, Couves da minha horta, Pôr-de-sol na Ilha, Catavento**) e a memorialística, gênero em que se revelou sem dúvida um dos grandes mestres no Brasil, com seus livros

Todos contam sua vida, Encontros com a vida e A Sala da Capela.

Particularmente notáveis são as evocações de sua infância na Rua do Resende, no Rio de Janeiro e na Praia de Icaraí, em Niterói, onde aprendeu com os pais a cultivar a devoção por plantas e bichos, que o acompanharia por toda a existência, até quando se refugiou, para curtir a velhice, no ambiente poético da Ilha de Paquetá.

De outra parte, vários capítulos das memórias de Coaracy representam testemunho bastante interessante e valioso para quem pretenda conhecer ou reconstituir a história da imprensa brasileira. Sobre as três épocas em que ele trabalhou, respectivamente, na imprensa do Rio de Janeiro, de Porto Alegre e de São Paulo, suas observações se referem, não apenas à ideologia ou à postura política dos jornais em que desenvolveu suas atividades e aos perfis de seus principais redatores, mas aos recursos gráficos e de impressão de que dispunham esses órgãos de imprensa e aos esquemas de trabalho das redações e revisões, esmiuçando todos os detalhes da vida jornalística em nosso país, ao longo de várias décadas.

As memórias e as crônicas de Vivaído Coaracy revelam o homem tímido e sóbrio que ele foi, procurando sempre diminuir os próprios méritos de jornalista e escritor. Escreveria suas memórias sob uma espécie de constrangimento: “Minha vida foi despida de aventuras e riscos; não conheci situações excepcionais; não me excedi da bitola comum. Foi uma existência igual a qualquer outra”. Poderia responder-se hoje, a Coaracy, que tanto melhor. Porque sua experiência terá sido mais abrangente, no sentido de representar melhor a vivência coletiva de seu tempo.

Mas a verdade é que ele foi uma figura de primeira categoria. Como jornalista, cronista, pesquisador de história e memorialista.